

NORA ROBERTS

A ROSA NEGRA

Tradução de
LUÍS SANTOS



CAPÍTULO

1

HARPER HOUSE DEZEMBRO DE 2004

A madrugada, com a sua promessa de renascimento, era a altura do dia em que mais gostava de correr. A corrida em si era algo que tinha de fazer, três dias por semana, tal como qualquer outra tarefa ou responsabilidade. Rosalind Harper fazia o que tinha de ser feito.

Corria porque fazia bem à saúde. Uma mulher que acabara de fazer (dificilmente poderia dizer «celebrar» naquela etapa da vida) o seu quadragésimo sétimo aniversário tinha de ter cuidado com a saúde. Corria para se manter forte, pois desejava e precisava de força. E corria por vaidade. O seu corpo jamais voltaria a ser o que fora aos vinte, ou até mesmo aos trinta, mas, por Deus, teria o melhor corpo que conseguisse aos quarenta e sete anos de idade.

Não tinha marido, nem amante, mas havia uma imagem a manter. Era uma Harper e os Harper tinham o seu orgulho.

Mas, por todos os santos, a manutenção era um caso sério.

Com uma camisola a protegê-la do frio da madrugada, saiu do quarto pela porta do terraço. Todos dormiam ainda. A sua

casa, que estivera demasiado vazia, encontrava-se agora ocupada novamente e era raro estar completamente em silêncio.

Havia David, o seu filho substituto, que mantinha a casa em ordem, que a divertia quando ela precisava que a divertissem e que a deixava sozinha quando necessitava de solidão.

Ninguém conhecia tão bem os seus estados de espírito como David.

E havia Stella e os seus dois filhos maravilhosos. *Fora num dia de sorte que contratara Stella Rothchild para gerir o viveiro*, pensou Roz enquanto fazia os exercícios de aquecimento no terraço.

Claro que Stella em breve partiria, levando com ela aqueles rapazinhos amorosos. Ainda assim, logo que se casasse com Logan (e era uma bela união), iriam viver a poucos quilómetros de distância.

Hayley permaneceria ali, inundando a casa com toda aquela juventude e energia. Fora outro golpe de sorte e um laço familiar vago e distante que fizera com que Hayley, na altura grávida de seis meses, aterrasse à sua porta. Em Hayley tinha a filha que desejara em segredo e o bónus de uma neta honorária na querida e pequena Lily.

Não se tinha apercebido de como estivera sozinha, pensou Roz, até aquelas raparigas terem vindo preencher esse vazio. Depois de dois dos três filhos terem saído de casa, esta tornara-se demasiado grande, demasiado silenciosa. E uma parte de si receava o dia em que Harper, o seu primogénito, o seu porto seguro, abandonaria a casa de hóspedes que ficava a curta distância da casa principal.

Mas a vida era assim. Ninguém melhor do que uma florista para saber que a vida nunca era estática. Os ciclos eram necessários, pois sem eles nada floria.

Desceu as escadas numa corrida fácil e apreciou a forma como a névoa matinal envolvia os jardins de inverno. Como

estava bonita a orelha-de-cabra com a sua folhagem prateada coberta de orvalho. E os pássaros ainda não se tinham dedicado aos frutos brilhantes da aronia.

Dirigiu-se à frente da casa. Andava para que os músculos aquecessem e para apreciar os jardins. Aumentou o ritmo para passo de corrida ligeira enquanto percorria o caminho de acesso para carros. Era uma mulher alta e esbelta, de cabelo preto curto e desalinhado. Os olhos, de um castanho cor de mel, perscrutavam o terreno: as magnólias imponentes, os cornisos delicados, a disposição dos arbustos ornamentais, a imensidão de amores-perfeitos que plantara semanas antes e os canteiros que só teriam flor dali a algum tempo.

Para ela, não havia terreno no Oeste do Tennessee que pudesse competir com a Harper House, tal como não havia casa que se equiparasse à sua imponente elegância.

Por hábito, parou no fim do caminho de acesso e deixou-se ficar a correr no mesmo lugar, observando a casa por entre a névoa cor de pérola.

Pareceu-lhe grandiosa, com a sua mistura de estilos revivista grego e gótico, a pedra amarela quente destacando-se contra os remates brancos. A escadaria dupla subia até à varanda que envolvia o primeiro andar, coroando o átrio coberto no rés do chão.

Adorava as janelas altas, a madeira trabalhada no parapeito do segundo andar, o amplo espaço e a herança que lhe estava subjacente.

Estimava-a e cuidava dela desde que lhe chegara às mãos, após a morte dos pais. Criara aí os filhos e, quando perdera o marido, chorara aí.

Um dia, deixá-la-ia a Harper, tal como lhe fora deixada a si. Agradecia a Deus por ter a certeza de que a estimaria da mesma forma que ela.

O que lhe custara não se comparava ao que a casa lhe dava, mesmo naquele preciso momento, ao fundo do caminho de acesso, enquanto olhava por entre a névoa matinal.

Mas ficar ali não a ia fazer percorrer os cinco quilómetros. Dirigiu-se para oeste, mantendo-se junto ao passeio, embora houvesse pouco trânsito àquela hora da manhã.

Para afastar a mente do tédio que era o exercício, começou a rever mentalmente a lista das coisas que teria de fazer naquele dia.

Havia algumas plantas anuais que semeara, cujas folhas embrionárias deviam ser removidas. Tinha de confirmar se essas plantas não estariam a murchar devido ao excesso de humidade. Talvez estivesse na altura de transplantar algumas das mais antigas.

Recordou também que Stella lhe pedira mais amarílis, mais bolbos forçados, mais coroas e estrelas-de-natal para as vendas natalícias. Hayley podia tratar das coroas. A jovem tinha mão para esse tipo de coisas.

Também era preciso tratar das árvores de Natal e do azevinho que tinham sido cultivados no campo. Graças a Deus, podia deixar isso com Logan.

Tinha de falar com Harper para saber se já tinha prontos mais alguns dos catos-de-natal que ele enxertara. Queria ficar com uns quantos.

Ia revendo os assuntos relacionados com a empresa de jardinagem quando passou pelas suas instalações. Era sempre tentador sair da estrada para aquela entrada de pedra britada e oferecer a si própria uma visita àquilo que construía com as suas mãos.

Roz notou com prazer que Stella se preparara para a quadra, tendo agrupado estrelas-de-natal verdes, rosas, brancas e vermelhas numa mancha de cor festiva à frente da casa baixa que

servia de entrada para o espaço de venda ao público. Tinha pendurado mais uma coroa à porta, com luzes brancas minúsculas à volta, e o pequeno pinheiro que trouxera do campo estava decorado no alpendre.

Amores-perfeitos brancos, azevinho brilhante e salva resistente proporcionavam um interesse adicional e serviriam para aumentar as vendas.

Roz resistiu à tentação e prosseguiu estrada abaixo.

Tinha de desencantar mais tempo para terminar as compras de Natal, se não naquele dia, mais para o fim da semana. Pelo menos teria de adiantar essas compras. Teria de comparecer em algumas festas e havia ainda aquela que decidira fazer. Há já algum tempo que não abria as portas da sua casa para uma grande receção.

Tinha de admitir que o divórcio fora, pelo menos em parte, responsável por isso. Não tivera grande vontade de organizar festas, numa altura em que se sentira estúpida, magoada e bastante humilhada pela união disparatada, mas felizmente breve, com um mentiroso e vigarista.

Mas era altura de pôr tudo isso para trás das costas, decidiu, tal como fizera com ele. O facto de Bryce Clerk ter regressado a Memphis fazia com que fosse ainda mais importante viver a sua vida tal como desejava, quer em público quer em privado.

Ao fim de dois quilómetros e meio, um ponto que tinha como marca uma nogueira antiga atingida por um relâmpago, deu meia-volta. O nevoeiro pouco espesso humedecera-lhe o cabelo e a camisola, mas sentia os músculos quentes e descontraídos. *Que treta, pensou, que tudo o que se dizia sobre o exercício fosse verdade.*

Avistou um veado na estrada, com a pelagem mais espessa devido ao inverno e os olhos alerta pela intrusão de um humano.

És lindo, pensou Roz, um pouco ofegante no último quilómetro. *Mas afasta-te dos meus jardins*. Arquivou mentalmente mais uma nota para tratar os jardins com outra dose de repelente, antes que o veado e os amigos decidissem invadi-los para um lanche.

Roz estava a entrar no carreiro de acesso à casa quando ouviu passos abafados e viu o vulto que se aproximava. Mesmo no nevoeiro, não teve dificuldade em identificar o outro ma-drugador.

Pararam os dois, correndo sem sair do lugar, e ela sorriu para o filho.

— Levantaste-te com as galinhas.

— Pensei em acordar cedo para te encontrar. — O jovem passou a mão pelo cabelo escuro. — Com a celebração do Dia de Ação de Graças e depois o dia dos teus anos, achei que devia eliminar o excesso antes do Natal.

— Nunca ganhas um quilo que seja. É irritante.

— Sinto-me mole. — Fez um movimento de rotação com os ombros e depois revirou os olhos, do mesmo tom de castanho dos da mãe, e riu-se. — Além disso, tenho de estar à altura da minha mamã.

Eram parecidos. Não havia dúvida de que as feições dele eram decalcadas das dela. Mas, quando se ria, Roz via o pai do jovem.

— Isso é que era bom, meu rapaz. Até onde é que vais?

— Até onde é que foste?

— Cinco quilómetros.

O jovem sorriu.

— Nesse caso, vou fazer seis.

Afagou a face da mãe ao de leve ao passar por ela.

— Devia ter-lhe dito oito, só para o irritar. — Abafou uma gargalhada e, abrandando para um passo rápido, percorreu o caminho de acesso.

A casa cintilava por entre a névoa. Pensou: *Graças a Deus que por hoje já acabou*. Contornou o edifício, para entrar por onde saía.

A casa continuava sossegada e adorável. E assombrada.

Tomou um duche e vestiu-se para o trabalho. Começara a descer a escada central que cruzava as alas quando ouviu os primeiros sons.

Os filhos de Stella preparavam-se para a escola e Lily brincava com o seu pequeno-almoço. *Eram sons agradáveis*, pensou Roz. Sons familiares das rotinas diárias de que sentira a falta.

Claro que tivera a casa cheia duas semanas antes, com todos os filhos ali reunidos para o Dia de Ação de Graças e para o seu aniversário. Austin e Mason regressariam pelo Natal. Uma mãe de filhos crescidos não podia esperar mais.

Sabe Deus quantas vezes ela desejara um pouco de sossego quando eles estavam a crescer. Apenas uma hora de paz absoluta em que não tivesse nada de mais excitante para fazer do que tomar um banho quente.

Depois, ficara com demasiado tempo livre, não fora? Demasiado sossego, demasiado espaço vazio. Por isso, acabara por se casar com um sacana manhoso que se aproveitara do seu dinheiro para impressionar as bimbos com quem a traía.

«Leite derramado», recordou-se Roz, e não servia de nada chorar sobre ele. Entrou na cozinha, onde David batia qualquer coisa numa taça, e o cheiro sedutor do café fresco pairava no ar.

— Bom dia, linda. Como vai a minha menina predileta?

— Acho que ainda está aí para as curvas. — Dirigiu-se ao armário, de onde tirou uma caneca. — Como foi o teu encontro ontem à noite?

— Promissor. Ele gosta de martíni com *Grey Goose* e de filmes do John Waters. Vamos repetir a dose este fim de semana. Senta-te. Estou a fazer fatias douradas.

— Fatias douradas? — Era uma fraqueza pessoal. — Raios te partam, David. Acabei de correr cinco quilómetros para que o meu rabo não chegue aos joelhos e depois vens tu com fatias douradas.

— Tens um rabo muito bonito que não está nem perto dos joelhos.

— Ainda — resmungou Roz, mas sentou-se. — Passei pelo Harper, que vinha a chegar. Se ele descobre a ementa, não tarda nada está aí a cheirar.

— Vou fazer bastantes.

Roz deu um gole no café enquanto David aquecia a frigideira.

Era bonito como uma estrela de cinema, apenas um ano mais velho do que o seu Harper e uma das maravilhas da sua vida. Em criança fora dócil e agora praticamente geria a casa.

— David... esta manhã dei comigo a pensar no Bryce por duas vezes. O que achas que isso pode querer dizer?

— Quer dizer que precisas desta fatia dourada — replicou, enquanto ensopava fatias grossas de pão no seu polme mágico. — E provavelmente andas com a nostalgia da quadra.

— Pu-lo a andar mesmo antes do Natal. Deve ser isso.

— E que Natal feliz que foi, com aquele sacana ao frio. Gostava que *tivesse* estado frio — acrescentou. — A chover gelo, rãs e pestilência.

— Vou perguntar-te uma coisa que nunca perguntei enquanto a relação durou. Porque é que nunca me disseste que antipatzavas com ele?

— Talvez pela mesma razão porque nunca me disseste que antipatzavas com aquele ator desempregado com falso sotaque britânico por quem julgava estar doidinho aqui há uns anos. Adoro-te.

— É uma boa razão.

David acendera o lume na pequena lareira da cozinha, e Roz virou-se para ela, bebeu mais um gole de café e sentiu-se segura e confiante.

— Sabes, se pudesses envelhecer vinte anos e começasses a gostar de mulheres, podíamos viver juntos em pecado. Acho que seria muito bom.

— Querida. — Colocou o pão na frigideira. — És a única rapariga no mundo que poderia tentar-me.

Roz sorriu. Apoiou o cotovelo na mesa e pousou o queixo na mão.

— O Sol está a aparecer — declarou. — O dia vai estar bonito.

Um dia bonito no início de dezembro significava um dia atarefado no centro de jardinagem. Roz esteve tão ocupada que ficou grata por não ter resistido ao pequeno-almoço com que David a enchera. Não almoçou.

Na estufa, tinha uma mesa cheia de tabuleiros semeados. Já separara os espécimes demasiado jovens para serem transplantados e começava agora a mudar os que julgava prontos para isso.

Alinhou as floreiras, os contentores individuais de plástico e turfa prensada e os vasos. Colocar as plantas jovens e fortes na casa que ocupariam até serem plantadas na terra era uma das suas tarefas preferidas, ainda mais do que semear.

Até à altura da plantação, eram todas suas.

E, nesse ano, ia experimentar a sua própria terra para vasos. Há mais de dois anos que testava várias misturas e acreditava ter encontrado uma vencedora, quer para uso no interior ou ao ar livre. A mistura para o exterior deveria servir na perfeição para a estufa.

Encheu os recipientes com a terra que misturara cuidadosamente, testou a humidade, à qual deu o seu aval. Ergueu com cuidado as plantas jovens, segurando-as pelas folhas embrionárias. Ao transplantá-las, teve o cuidado de manter o solo à mesma altura do caule, após o que compactou a terra à volta das raízes com os dedos experientes.

Encheu vaso atrás de vaso e etiquetou-os, enquanto trauteava a música de Enya que tocava baixinho no leitor de CD portátil, um equipamento que considerava essencial numa estufa.

Regou as plantas com uma solução fertilizante fraca.

Satisfeita com o trabalho, dirigiu-se à zona das perenes. Deu uma vista de olhos à secção: plantas que tinham sido recentemente enraizadas em estaca, outras enraizadas havia mais de um ano e que, dali a poucos meses, estariam prontas a ser vendidas. Regou-as e podou-as, dirigindo-se então às plantas-mãe para retirar mais estacas. Começara um tabuleiro de anémonas quando Stella apareceu.

— Tens andado ocupada. — Stella, com o cabelo ruivo encaracolado apanhado num rabo de cavalo, perscrutou as mesas. — Muito ocupada.

— E otimista. Tivemos muito sucesso na última quadra festiva e espero repetir a proeza. Se a Natureza não nos tramar.

— Imaginei que quisesses dar uma vista de olhos à nova remessa de coroas. A Hayley passou a manhã toda a trabalhar nelas. Acho que desta vez se excedeu.

— Vejo-as antes de sair.

— Deixei-a sair mais cedo, espero que não te importes. Ainda não se habituou a deixar a Lily com uma ama, mesmo sendo ela uma cliente e estando apenas a quinhentos metros daqui.

— Não há problema. — Dirigiu-se às margaridas. — Sabes que não tens de confirmar todos os pormenores comigo, Stella. Já há quase um ano que estás ao leme deste barco.

— Era uma desculpa para vir até aqui.

Roz fez uma pausa, com a faca suspensa por cima das raízes da planta, preparada para começar a cortar.

— Passa-se alguma coisa?

— Não. Tenho andado para perguntar, e sei que esse é o teu terreno, mas será que, quando as coisas acalmarem um pouco depois do Natal, posso passar algum tempo com a propagação? Já tenho saudades.

— Está bem.

Os olhos azuis de Stella cintilaram quando se riu.

— Sei que não gostarias que eu alterasse a tua rotina e organizasse as coisas à minha maneira. Prometo que não o vou fazer. E não vou estorvar-te.

— Experimenta e ponho-te a andar.

— Entendido.

— Entretanto, queria falar contigo. Preciso que me descubras um fornecedor de sacos para terra, que sejam bons e baratos. Para começar, de meio quilo, dois, cinco e dez quilos.

— Para? — perguntou Stella, retirando um bloco de notas do bolso de trás.

— Vou começar a produzir e a vender a minha própria terra para vasos. Tenho uma mistura para interiores ou exteriores de que gosto e quero comercializá-la.

— É uma ótima ideia. Dá bastante lucro. Além de que os clientes vão gostar de ter os segredos de jardinagem da Rosalind Harper. Mas é preciso pensar em algumas coisas.

— Já pensei. Não vou ficar entusiasmada logo à partida. Vamos manter as coisas discretas. — Ainda com terra nas mãos, pegou numa garrafa de água que estava na prateleira. Depois,

limpando distraidamente a mão na camisola, rodou a tampa. — Quero que os empregados aprendam a ensacar, mas a mistura é um segredo meu. Vou dar a ti e ao Harper os componentes e as quantidades, mas não quero que os outros fiquem a saber. Por agora, vamos fazer tudo na arrecadação principal. Se as coisas forem para a frente, construímos um barracão próprio.

— A lei diz...

— Já a estudei. Não vamos usar pesticidas e vou manter o nível de nutrientes abaixo dos limites legais. — Ao reparar que Stella continuava a escrevinhar no bloco, Roz bebeu um grande gole. — Já pedi a licença para produzir e vender.

— Não me disseste nada.

— Não fiques melindrada. — Roz pousou a garrafa e meteu uma estaca na terra. — Não tinha a certeza se ia para a frente com isto, mas queria tratar da burocracia. É um projeto pessoal em que tenho vindo a trabalhar há já algum tempo. Mas já plantei alguns espécimes nessa mistura e, até agora, tenho gostado dos resultados. Tenho outras plantas a crescer e, se continuar a gostar dos resultados, avançamos. Por isso, quero ter uma ideia de quanto nos vão custar os sacos e a impressão. Quero uma coisa elegante. Pensei que pudesses esboçar alguns logótipos. És boa nisso. A No Jardim precisa de destaque.

— Sem dúvida.

— E sabes do que eu gostava mesmo? — Fez uma curta pausa, visualizando a sua ideia. — Sacos castanhos. Qualquer coisa parecida com serapilheira. Antiquados, se é que me entendes. Assim estamos a dizer: isto é terra da boa, à moda antiga. E acho que quero flores silvestres no saco. Flores simples.

— Como que a dizer: é fácil de usar e vai fazer com que o seu jardim seja fácil de cultivar. Vou tratar disso.

— Posso contar contigo para tratar dos custos, dos lucros e da questão de *marketing*, não posso?

— Estou à tua disposição.

— Eu sei que estás. Vou acabar estas estacas e depois, se não houver mais nada, também vou sair mais cedo. Quero ver se faço algumas compras.

— Roz, já são quase cinco horas.

— Cinco? Não pode ser. — Ergueu o braço, rodou o pulso e franziu as sobrancelhas para o relógio. — Ora bolas. O tempo voltou a fugir-me. Fazemos assim: amanhã saio ao meio-dia. Se não sair, vem ter comigo e põe-me na rua.

— Não te preocupes. É melhor voltar lá para a frente. Vemo-nos em casa.

Quando chegou a casa, encontrou luzes de Natal a piscar nas caleiras, coroas a cintilar nas portas e velas a tremeluzir nas janelas. A entrada estava ladeada por dois pinheiros em miniatura, envoltos em luzes brancas minúsculas.

Só teve de entrar para ser cercada pelo espírito da quadra natalícia.

No átrio, fitas vermelhas e luzes cintilantes decoravam o corrimão, com estrelas-de-natal brancas em vasos vermelhos debaixo dos pilares da escada em caracol.

A taça de prata da bisavó tinha sido polida e cheia com maçãs vermelhas reluzentes.

Na sala de estar, um abeto, decerto vindo do seu terreno, dominava as janelas da frente. O rebordo da lareira exibia os Pais Natais de madeira que colecionava desde que estivera grávida de Harper, com arranjos de folhas verdes pendurados nas extremidades.

Os dois filhos de Stella estavam sentados de pernas cruzadas à frente da árvore, fitando-a com os olhos arregalados.

— Não é uma maravilha? — Hayley equilibrava a morena Lily na anca. — Não é espantoso?

— O David deve ter trabalhado que nem um mouro.

— Nós ajudámos! — intervieram os rapazes.

— Depois das aulas, ajudámos com as luzes e com o resto — disse-lhe Luke, o mais novo. — E não tarda nada vamos ajudar a fazer bolinhos e a decorá-los e tudo. — Até temos uma árvore lá em cima. — Gavin olhou para o abeto. — Não é tão grande como esta, pois é lá para cima. Ajudámos o David a levá-la e vamos ser *nós* a decorá-la. — Sabendo quem era a dona da casa, Gavin olhou-a, à espera do seu assentimento. — Foi o que ele disse.

— Então deve ser verdade.

— Ele está na cozinha, a fazer qualquer coisa para comer-mos enquanto decoramos a árvore. — Stella foi ver a árvore da perspectiva de Roz. — Pelos vistos, vamos ter uma festa. Já deu ordens ao Logan e ao Harper para estarem em casa às sete.

— Nesse caso, é melhor vestir-me para a festa. Mas primeiro dá-me cá esse bebé. — Estendeu as mãos, pegou em Lily ao colo e aconchegou-a a si. — Com uma árvore deste tamanho, vamos ser todos precisos para a decorar. O que achas da tua primeira árvore de Natal, pequenina?

— Já tentou gatinhar até lá quando a pousei no chão. Mal posso esperar para ver o que vai fazer quando estiver enfeitada.

— Então é melhor despachar-me. — Roz deu um beijo a Lily e devolveu-a a Hayley. — Ainda não está frio, mas acho que devíamos acender a lareira. E digam ao David para pôr champanhe no gelo. Eu não me demoro.

Já passou demasiado tempo desde que houve crianças nesta casa pelo Natal, pensou Roz, enquanto subia apressadamente as escadas. Tê-las ali fazia com que ela própria se sentisse uma criança.